

COURAÇADO POTEMKIN

(depois de ver o filme de Eisenstein)

Renata Soares Junqueira*

Jorge de Sena abominava as ditaduras. Tanto que, em 1959, depois de se envolver numa fracassada tentativa de golpe contra o Estado totalitário de Salazar, exilou-se voluntariamente no Brasil a pretexto de participar do IV *Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, realizado em agosto na Universidade da Bahia. Cá viveu seis anos. Primeiramente fixou residência na pequena cidade de Assis, no interior de São Paulo, onde foi professor catedrático de Teoria da Literatura na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Em 1961 transferiu-se para a sua congênera de Araraquara (hoje Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, no *campus* de Araraquara), onde foi catedrático contratado de Literatura Portuguesa até licenciar-se, em outubro de 1965, ao mudar-se para os Estados Unidos a convite da Universidade de Wisconsin. Era, pois, de esperar que se demitisse da cátedra paulista (o que ocorreu em 1967), uma vez que, coerente na sua nobre repugnância pelas ditaduras, Sena deveria sair também do Brasil após o pérfido golpe militar que em abril de 1964 dera fim ao governo democrático de João Goulart.

É certo, todavia, que de 1959 a 1964 o escritor vivenciou no Brasil, com entusiasmo, tudo o que decerto desejava para Portugal: um sensível fortalecimento dos movimentos sociais de esquerda – na esteira da bem sucedida revolução cubana – e uma notável politização dos estudantes culminando na criação do atuante Centro Popular de Cultura (CPC) em 1962. No embalo dessa agitação social, escreveu em São Paulo, às vésperas do Natal de 1961, o poema que ora comento, transcrito da imprescindível antologia *Poemas com cinema*, organizada por Joana Matos Frias, Luís Miguel Queirós e Rosa Maria Martelo, publicada em Lisboa, pela Ed. Assírio & Alvim, 2010.

O poema oportunamente evoca, sob inspiração do filme que Eisenstein lançara em 1925, o acontecimento que foi gritante prenúncio da Revolução Russa de 1917, isto é, a revolta, em 1905, dos marinheiros do Couraçado Potemkin, que se recusaram a comer a carne estragada que os seus comandantes lhes ofereciam. Retomando alguns dos planos inesquecíveis da película – o do “carro de criança/descendo a escadaria” e o “da mulher de lunetas que abre a boca em gritos mudos” –, Sena relembra que a população da cidade portuária de Odessa apoiou a revolta e sofreu, por isso, a brutalidade das forças repressoras do regime czarista.

Visto pelo poeta, o couraçado russo transforma-se, é evidente, em símbolo de resistência capaz de encher de esperança outras “multidões dispersas” – do Portugal de outrora?; do Brasil de hoje? –, e elas, “Nos cais do mundo, olhando o horizonte”, “esperam ver surgir as chaminés antigas, / aquele bojo de aço e ferro velho”.

É nitidamente um poema de denúncia, anti-fascismo: “Uns morrem, outros vendem-se, / outros conformam-se e esquecem e outros são / assassinados, torturados, presos. / Às vezes a polícia passa entre as multidões, / e leva alguns nos carros celulares.”

Transcrevo aqui, na íntegra, as três últimas estrofes, que encerram o poema com esperança de ouro: “Mas mesmo que ninguém o aguarde já, / o couraçado há-de chegar. Não há / remédio, fuga, rezas, esconjuros, / que possam impedi-lo de atracar. // Há-de vir e virá. Tenho a certeza / como de nada mais. O couraçado / virá e passará / entre a esquadra que o aclama. // Partiu há muito tempo. Era em Odessa, / no Mar Negro. Deu a volta ao mundo. / O mundo é vasto e vário e dividido, e os mares / são largos. / Fechem os olhos, / cerrem fileiras, / o couraçado vem.”

A referência a Eisenstein mostra, de resto, que Jorge de Sena era também bom cinéfilo e que, como artista engajado, estava atento ao melhor cinema de resistência que no mundo se fazia. (Leiam-se, aliás, os seus artigos *Sobre*

Cinema, organizados por Mécia de Sena e M. S. Fonseca e publicados em Lisboa, em 1988, pela Cinemateca Portuguesa.)

Escrito há 57 anos, aos 23 de dezembro de 1961, o poema “Couraçado Potemkin” tem um tom profético que se revelou certo no caso de Portugal. Com efeito, a revolta de militares descontentes foi também o estopim da Revolução dos Cravos.

Odessa... São Paulo... Lisboa... “Deu a volta ao mundo. / O mundo é vasto e vario e dividido, e os mares / são largos”. Fechemos os olhos. Virá?

* Professora titular da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Araraquara, onde leciona Literatura Portuguesa desde 1994. Co-organizou em 1998 a exposição “Sinais de Jorge de Sena e Outros Escritores Portugueses Contemporâneos” e o livro *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira*, dado à estampa pela Editora da UNESP em 2002. Desde 2008 tem-se dedicado aos estudos interdisciplinares, com foco em literatura, teatro e cinema. O seu livro mais recente é *O cinema épico de Manoel de Oliveira*, publicado em 2018 pela Editora Perspectiva, em São Paulo.